

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ: EDUCAÇÃO DO CAMPO - RESISTÊNCIA, PRÁTICAS E CONSTRUÇÕES

DOSSIER PRESENTATION: FIELD EDUCATION - RESISTANCE, PRACTICES AND CONSTRUCTIONS

Fernando José Martins¹

É com imensa alegria que realizo a apresentação desse dossiê sobre Educação do Campo, que traz debates pertinentes, atuais e necessários para esse momento da realidade brasileira. E a alegria vem de diversas vertentes, inicialmente pela revista que faz a presente publicação. A revista Debates Insubmissos, do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais, Educação e Diversidade na América Latina, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, é um periódico posicionado. No tempo, especialmente nesse período, precisamos de reflexões críticas acerca da Educação, por isso ela é um espaço de crítica, de resistência, de contestação, e, principalmente de práxis, de uma práxis transformadora, o movimento de que mais precisamos. Dispõe-se a debater a educação com base na democracia, diversidade e pelos movimentos sociais. É de periódicos assim, na contracorrente da produção em massa desqualificada, do produtivismo acadêmico, que pode ser constituída uma intervenção acadêmica socialmente útil que ajude a transformar de fato o cenário educacional do país.

A segunda alegria reside na temática do presente número da revista, a Educação do Campo, que é uma construção epistemológica mais encharcada de práxis que já presenciei nas investigações (assim mesmo, para destacar a ação!) sobre educação nas últimas décadas. A Educação do Campo nasce como expressão de resistência de educadoras e educadores que

¹ Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009). Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná (2004). Especialização em Supervisão, Orientação e Gestão Escolar pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (2001). Graduação em Pedagogia pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (2000). Atualmente é Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Tem experiência na área de Educação. Atuando principalmente nos seguintes temas: Ocupação da Escola, MST, Participação Popular.

não se submeteram ao descaso imposto pela educação rural. Ela diz não à precarização da escola do campo, ou mesmo de seu fechamento, devido, quase sempre, à racionalidade econômica. Ela reafirma a vida e a cultura do campo, dos saberes nele contidos, e reivindica esse espaço como um espaço de vida. E na sua trajetória, vem sendo construída por intelectuais orgânicos e com firme base nos movimentos sociais, a ponto de ser chamada de movimento de Educação do Campo. As políticas públicas conquistadas por meio desse movimento também são significativas, podem ser destacados vários marcos legais, inclusive a modalidade Educação do Campo na organização educativa nacional, e algumas delas são estudadas no presente número da revista.

E em especial, a alegria da recepção do Dossiê EDUCAÇÃO DO CAMPO: Resistência, práticas e construções. Uma chamada rápida, no segundo semestre, que é o mais atribulado para profissionais da educação, superou todas expectativas! Recebemos muitos artigos, quantitativamente falando, poderosos e densos do ponto de vista qualitativo e de todo Brasil. Conseguimos abordar todas as dimensões propostas na chamada do dossiê: *resistência dos povos do campo e suas comunidades para manutenção da vida camponesa, as lutas de manutenção de escolas e comunidades, a defesa da modalidade Educação do Campo. As práticas que se envolvem na amplitude da diversidade da Educação do campo, pedagógicas, políticas, de organização social e comunitária, que vão desde a aula até construção de políticas públicas. E as construções, pois a Educação do Campo tem construído, além das práticas citadas, identidades, lideranças, perspectivas epistemológicas, inovações e intervenções sociais.* Pela questão organizacional, serão publicados quatro artigos nesse número, o que já evidencia a abrangência do debate, pois cada um de cada região do país, mostra o caráter nacional das análises. E aqui reside mais uma boa notícia e outra alegria, dado o caráter exitoso da chamada, do tema, e, consequentemente, das lutas, iremos fazer outro dossiê sobre Educação do Campo na revista Debates Insubmissos! Assim será possível, além de alcançar as cinco regiões do Brasil, socializar o riquíssimo material de diversas práxis da Educação do Campo.

Agora quanto à composição deste número, vamos seguir a lógica que esteve presente na chamada dos artigos e reeditada nessa apresentação. Iniciamos com a resistência. No artigo

EDUCAÇÃO DO CAMPO E ESCOLA PÚBLICA: EXPERIÊNCIA E RESISTÊNCIA, as autoras Maria Antônia de Souza e Rosana Aparecida da Cruz, vinculadas ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná, socializam o resultado de uma pesquisa junto às escolas, às políticas e aos sujeitos de um município da região metropolitana de Curitiba, capital do Estado do Paraná. A experiência analisada no texto mostra avanços, retrocessos e, sobretudo, resistências, em um espaço importante e estratégico para o avanço da Educação do Campo, um município e sua rede, basicamente rural, mas sem a incidência direta de nenhum movimento social, ou seja, o retrato da maioria das escolas do campo do país. É nesse espaço, com todas suas contradições internas, sujeito à políticas locais, de toda sorte de influência, de interesses, no qual a base emancipatória não é referência clara para todos os sujeitos, que o movimento precisa se consolidar.

As pesquisadoras de Minas Gerais, Conceição Clarete Xavier Travalha e Leila de Cassia Faria Alves, com seu texto: A (DES)CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: O DIÁLOGO ENTRE O SABER POPULAR E O SABER CIENTÍFICO, tocam tanto na dimensão da resistência quanto na prática. Sua abordagem faz uma reflexão necessária, que responde a um dos principais questionamentos (leigos) sobre Educação do Campo: “Mas na escola do campo dessa tal de Educação do Campo, os estudantes só vão aprender coisas relacionadas ao espaço camponês?” As autoras fogem da falsa polêmica de hierarquização de saberes, imposta por setores da academia e da discutível intelectualidade nacional (e também internacional, pois esse dilema vai além da Educação do Campo) e evidencia a necessidade do diálogo entre os saberes que detêm os sujeitos do campo para a construção do próprio saber científico. Nessa abordagem, que supera o senso comum, a escola, por meio de uma construção dialógica, pode ser um importante instrumento para a aquisição do conhecimento científico, um saber que vá “além” da realidade camponesa, mas que não a negue. Assim, como práxis mediadora, o diálogo é responsável por uma efetiva relação de ensino-aprendizagem na escola do campo.

Já o texto de Rafael de Jesus Correa Quaresma, Gracilene Ferreira Pantoja e Yvens Ely Martins Cordeiro, que debate a partir da realidade de um município do interior do Pará, norte brasileiro, traz o debate no qual figuram tanto a resistência como a construção. O texto

DIFICULDADES E LIMITAÇÕES DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: REFLEXOS DA EDUCAÇÃO URBANA; ABAETETUBA-PA, tem por base uma análise da construção da Educação do Campo, tomando como objeto os entraves oriundos dos vícios da lógica urbana de organização do trabalho pedagógico, fadada ao fracasso quando transposta para as escolas do campo. A partir de um estudo de caso, de uma escola, os autores, a partir de dificuldades e limites, apontam para construções necessárias, superação de preconceitos sobre os sujeitos do campo e sua realidade, construção de currículos com base na totalidade e realidade, e, para tanto, uma profunda e efetiva formação continuada das professoras e dos professores, elementos centrais para a construção da Educação do Campo.

Encerrando o dossiê, Shilton Roque dos Santos e Marcio Adriano Azevedo, pesquisadores junto ao mestrado profissional em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, refletem sobre a construção de uma política pública de Educação do Campo: O PRONATEC CAMPO E O CONTEXTO DO CAMPO E DA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL. Essa análise crítica, tem como mediadores os sujeitos sociais organizados, o movimento de Educação do Campo e sua produção, e categorias teóricas como hegemonia e escola politécnica. Como todas as políticas conquistadas sob o presente modo de produção, o Pronatec apresenta fortes contradições, ao se propor incorporar demandas populares, mas a serviço de um Estado que representa, em última instância, os interesses do capital. Assim a manutenção de elementos da educação rural, e, portanto, desqualificadores da Educação do Campo, estão presentes na política pública analisada.

Esse é o quadro que compõe o presente dossiê. E foi construído por uma diversidade de sujeito aos quais temos que, ao finalizar, agradecer muito, desde toda a equipe de edição do vital periódico Debates Insubmissos, aos pareceristas que efetivaram uma criteriosa avaliação dos textos enviados, aos autores que atenderam a chamada da revista e contribuem para o avanço da Educação do Campo, e, sobretudo ao leitor, que se interessa pela temática e pode-se somar a todo esse trabalho, que nesse momento se materializa na obra a ser lida.